

## O CONTROLE DOS AFETOS POR UMA AÇÃO ÉTICA NA FILOSOFIA DE SPINOZA

ERICA LOPES DE OLIVEIRA

Graduanda em Filosofia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

E-mail: erica.lopes@hotmail.com.br.

**RESUMO:** O presente trabalho tem por finalidade refletir sobre a afetividade e as ações humanas em Baruch Spinoza. Em 1675, ele concluiu a sua obra “Ética”, que só foi publicada após sua morte, em que ele descreve seu sistema filosófico, expondo-o através do método geométrico. O conteúdo da obra citada visa descrever os ideais éticos a serem seguidos pelo homem para que este seja virtuoso em suas ações, bem como a exposição acerca da natureza humana e dos afetos. Segundo Spinoza, o homem possui dois atributos que só podem ser concebidos por Deus. Estes dois atributos são: pensamento e extensão; o primeiro compreende a mente e o segundo o corpo. Ambos os atributos formam uma unidade na medida em que, quando a mente opera, o corpo também opera, quando a mente padece, o corpo também padece. Existem então afetos que beneficiam e outros que constroem o indivíduo. Quando o indivíduo não administra bem seus afetos, poderá transformar suas ideias em inadequadas e, com isso, as causas externas controlam o seu intelecto. Sendo assim, suas ações não são frutos da razão e segundo a sua natureza, mas frutos de uma paixão externa a si. Podemos afirmar então que, para Spinoza, as ações dos indivíduos dependerão do controle que eles mesmos exercem sobre seus afetos. A ação ética é o resultado da correta harmonização dos afetos.

**Palavras-chave:** Corpo; Mente; Afetos; Ética.

**ABSTRACT:** This study aims to reflect on the affection and human actions on Baruch Spinoza's *Ethics*, which was concluded in 1675. *Ethics* describes his philosophical system, exposing through the geometric method and it was only published after his death. The work exposes the human nature and affections and tries to describe the ethical ideals to be followed by virtuous men in their actions. According to Spinoza, man has two attributes that can only be conceived of God. These two attributes are: thought and extension; the first comprises the mind and the second comprises the body. Both attributes form a unit, in that when the mind operates the operating body when the body suffers the mind also will suffer. There are so affections that benefit and others that constrain individual. When the individual does not manage well their affections, can turn their ideas into inadequate and, therefore, external causes control his intellect, therefore their actions are not fruits of reason and according to their nature, but the result of an external passion itself. Then we can say that for Spinoza, the actions of individuals depend on the control that he exercises over his affections. The ethical action is the result of proper harmonization of affections.

**Key-words:** Body; Mind; affections; Ethical.

## 1. INTRODUÇÃO

Baruch Spinoza nasceu em 1632, em uma comunidade judaica em Amsterdã na Holanda. Foi um filósofo temido por muitos devido aos seus pensamentos considerados heréticos, por conta disso, foi excomungado da comunidade judaica. Depois deste episódio ele investe ainda mais nos estudos de filosofia e aprende a profissão de polidor de lentes.

Spinoza revela seu monismo, quando descreve que corpo e mente são atributos de uma única substância, Deus, ambos formam uma unidade, e não há uma hierarquia entre eles. O afeto é a modificação do corpo, a qual a mente como ideia do corpo, segue seu movimento. Sendo assim, aquilo que afeta um, afetará o outro.

Os afetos podem aumentar ou diminuir a potência do corpo, no primeiro caso, Spinoza denomina de ação, no segundo caso, ele chama de paixão. Nesta perspectiva, a ação ética é o resultado do esforço que o homem faz para preservar o seu ser e com isso aumentar a sua potência.

Na *Ética*, livro redigido nos últimos anos da vida deste filósofo holandês, que foi publicado somente após sua morte, apresentou a sua reflexão filosófica através de definições, proposições, axiomas, corolário. O assunto tratado é a filosofia prática, mas o livro se inicia com uma exposição sobre Deus, que segundo ele, é um ser divino que possui todo o poder, para, em seguida, afirmar que o homem é um modo dos atributos de Deus, onde este determinará todas as ações humanas.

É evidenciado no livro o otimismo de Spinoza ao demonstrar que a sociedade mesmo com tantos empecilhos para desconstruir os ideais éticos, ainda pode dispor deste bem. Para o filósofo holandês, não basta existir um discurso ético sobre determinado assunto, é preciso ser ético nas ações. Para realizar a vida ética, é preciso conhecer e controlar os afetos, lutar contra os extintos e as paixões exteriores ou tristes.

O objetivo deste trabalho é compreender como sucede a relação entre afeto e ação ética. Para fazer essa análise, iniciaremos com uma investigação sobre o conceito de Deus, e posteriormente acerca dos afetos. Buscaremos entender quais afetos beneficiam e quais constroem o indivíduo, e como estes determinam nossas ações.

## 2. SOBRE DEUS E A POTÊNCIA DOS AFETOS

Spinoza inicia sua principal obra, *Ética*, escrevendo sobre Deus. Mas este filósofo não fala de Deus levando em conta a religião e sim a razão. Prova disso é o fato de ele não concordar com as práticas religiosas que vigoravam em sua época. Então, para ele, é a partir da razão que o indivíduo adquire um conhecimento de Deus, já a religião apenas aliena as pessoas e não mostra a verdadeira essência de Deus.

Deus está por toda parte na natureza. Então na *Ética* ele define Deus como substância infinita, causa de si e concebido por si mesmo, um ser livre e necessário. O homem, por outro lado, não é causa de si, sendo assim não é concebido por si mesmo. A partir deste pressuposto, Spinoza afirma que no mundo há apenas uma substância e esta é Deus. Nele há uma disponibilidade de infinitos atributos, dos quais, nós, seres humanos, conhecemos apenas dois (extensão e pensamento) e, por isso, somos modos de ser da divindade, pois produzido pelos seus atributos. Logo nas primeiras definições, na primeira parte da *Ética*, o filósofo explica o conceito de substância, modo e atributo.

Por substância compreendo aquilo que existe em si mesmo e que por si mesmo é concebido, isto é, aquilo cujo conceito não exige o conceito de outra coisa do qual deva ser formado.

Por atributo compreendo aquilo que, de uma substância, o intelecto percebe como constituindo a sua essência.

Por modo compreendo aquilo que, de uma substância, ou seja, aquilo que existe em outra coisa, por meio da qual é também concebido (*E I*, Def. 3, 4 e 4)<sup>1</sup>.

Há apenas dois atributos de Deus que o homem pode conhecer, segundo Spinoza: o pensamento e a extensão. O primeiro compreende a mente e o segundo compreende ao corpo, tudo o que existe e todo e qualquer modo da substância pode ser abrangido dentro destes dois atributos. Estes dois atributos dizem respeito a uma única substância, essa teoria demonstra a contrariedade que há com relação a René Descartes, uma vez que para o filósofo francês a mente e o corpo se compõem de duas substâncias distintas. Segundo Baruch Spinoza, estes dois atributos divinos aplicam-se aos modos, mas os mesmos são finitos em relação à substância que é infinita. Corpo e mente relacionam-se intensamente e não há redução de um ao outro, sendo assim, quando a mente atua, o corpo atua, quando a mente padece o corpo também padece.

O corpo pode determinar nossas ações pelos afetos. Por isso Spinoza define afeto como “uma ação; em caso contrário, uma paixão” (*E III*, exp. da def. 3). O afeto é uma ação

<sup>1</sup> Nas citações específicas da *Ética*, além da letra E indicando a obra serão utilizadas as seguintes abreviaturas (com letra minúscula): app. = Apêndice; ax. Axioma; c = Corolário; d = Demonstração; def. = Definição; pref. = Prefácio; prop. = Proposição; s = Escólio. *Exemplo*: “Tudo o que existe, existe ou em si mesmo ou em outra coisa” (*E I*, ax.1) = *Ética*, livro I, axioma 1.

quando agimos segundo nossa natureza em consonância com a razão, isto é, produzimos ideias adequadas, conseguimos administrar nossos afetos e chegamos ao intelecto de Deus. Porém, quando nossas ideias provêm da imaginação, e não do pensamento racional, produzimos ideias inadequadas, agimos por afetos externos, e os mesmos controlam nosso intelecto.

Para Spinoza, por sermos atributos de Deus, o que vai determinar as nossas ações é a nossa união com Deus, uma vez que o valor ético é concebido pela mente do homem apenas quando está em sintonia com Deus, caso contrário a ação do indivíduo será inadequada. Deus é perfeito, então, quando estamos com Deus, somos capazes de ideias adequadas, que são ideias claras, distintas e que agem, e se elas são adequadas para o homem, são também adequadas para Deus, porém se a mente padece a pessoa é capaz de ideias inadequadas, e quanto mais inadequadas forem estas ideias, mais o composto corpo/mente estará submetido às paixões.

Entre as ideias de qualquer mente humana, algumas são adequadas, enquanto outras são mutiladas e confusas. Ora, as ideias que são adequadas na mente de alguém são adequadas em Deus, enquanto este constitui a essência dessa mente. E também aquelas que são inadequadas na mente de alguém são adequadas em Deus, não enquanto Deus contém em si apenas a essência dessa mente, mas também enquanto contém, ao mesmo tempo, as mentes das outras coisas (*E III*, def. da prop. 1).

A questão do afeto não é separada da teoria da substância una, ou seja, da relação entre mente e corpo. Ao contrário, como afirma Roger Scruton, em seu livro *Espinoza*, “uma emoção é uma condição corporal, e, ao mesmo tempo, a ideia dessa condição” (SCRUTON, 2000, p. 34). A potência do afeto será determinada quanto a sua capacidade de agir e as afecções dessa ideia, for “estimulada ou refreada”, pois esta é, ao mesmo tempo, uma atividade da mente e do corpo. Em outras palavras, a forma como agimos, determinará a potência do afeto, se nossas ações forem fruto do pensamento racional, o afeto aumentará a nossa potência; porém, se forem fruto da imaginação, o afeto ou a paixão diminuirá nossa potência.

Quanto mais trabalharmos nossos afetos, mais nossa mente vai agir eticamente. Para realizar este trabalho, é necessário construir uma proposta ética que conheça e valoriza os afetos, a partir da sua potência de agir. Se uma pessoa consegue controlar os afetos de acordo com a razão, então ela estará agindo eticamente e, por conseguinte é uma pessoa virtuosa, mas se ela não consegue controlá-los, agindo por instinto e em vista de causas exteriores a si, deixará de agir eticamente e passará a ser refém dos afetos. Para que isso não aconteça, faz-se necessário que o indivíduo trabalhe seus afetos de maneira racional.

### 3. AS CAUSAS EXTERIORES

Pode-se afirmar que na sociedade, a qual vivemos, o pensar e o agir em conformidade com a razão não é uma constante. O modelo de vida contemporâneo, corroborado com o sistema econômico capitalista, tende a acentuar ainda mais o modo de vida desregrado. Podemos dizer que viver a partir das regras desta sociedade, à medida que a ação é realizada em conformidade com as regras impostas por uma sociedade que idolatra o dinheiro, que quer se dar bem e buscando uma vida estabilizada, é sinal de uma vida vivida a partir de causas externas ao homem e não uma vida racional. O homem racional tem por objetivo a busca da felicidade, mas a felicidade não se confunde com esta felicidade ilusória e passageira. Segundo Spinoza só há um meio da humanidade ser feliz: cada um aceitar o seu destino. É certo que todos acreditam que possuem livre arbítrio, mas na verdade são escravos deste sistema capitalista.

Para Spinoza, isso acontece devido ao fato de não vivermos segundo a nossa natureza, ou seja, todo esse consumismo, vícios nos seduzem e acabamos atuando a partir de causas exteriores e não pelas atitudes da nossa natureza. Sendo assim, não somos indivíduos éticos, por isso, quando não administramos bem os nossos afetos, poderemos transformar nossas ideias em inadequadas e com isso, as causas externas controlam o nosso intelecto. Quando somos levados pelas paixões, não agimos a partir da potência da nossa razão e segundo a nossa natureza, mas agimos segundo a potência dos afetos inadequados, dessa forma, por muitas vezes, extrapolamos os limites e somos levados pelas causas exteriores.

Spinoza afirma que quando o homem não consegue dominar seus afetos passa a ser servos dos mesmos, isto é, quando ocorre algo em sua natureza, a qual se torna causa parcial que não faz parte, unicamente, da sua essência. O afeto ou paixão, que é definido a partir da potência das causas externas, pode superar a potência de sua própria natureza.

O homem deve tentar ao máximo preservar o seu ser, para não ser compelido por ideias inadequadas, quanto mais mergulhar em seu interior, mais conhecerá a si. Contudo, quando dominamos nossos afetos temos uma atitude ética e é a razão que delibera sobre os afetos.

Como a razão não exige nada que seja contra a natureza, ela exige que cada qual ame a si próprio; que busque o que lhe é útil, mas efetivamente útil; que deseje tudo aquilo que, efetivamente, conduza o homem a uma maior perfeição; e, mais geralmente, que cada qual se esforce por conservar, tanto quanto está em si, o seu ser. [...] e, que todos, em conjunto, se esforcem, tanto quanto possam, por conservar o seu ser, e que busquem, juntos, o que é de utilidade comum para todos (*E IV, s da prop. 18*).

A ética para Baruch Spinoza consiste em tudo aquilo que contribui para o bem comum da sociedade e faz com que os homens vivam em harmonia. Para ele, deve haver um esforço coletivo para ter ética, a ação do homem tem que beneficiar universalmente, uma vez que não há transformação apenas com um indivíduo em ação, mas todos em conjunto devem buscar aquilo que é bom para todos. Então, se o homem buscar apenas o que lhe é útil e tentar conservar o seu ser, este homem é virtuoso, apenas aqueles que são atingidos por causas exteriores é que não conseguem preservar o seu ser, mas se o mesmo consegue agir segundo a sua natureza, não será atingido por corpos exteriores e ainda será capaz de afetar estes corpos.

Spinoza denomina de *conactus*, o esforço que o homem faz para preservar o seu ser, sendo a própria essência do homem. Quando esse esforço se refere apenas à mente, Spinoza denomina-o de vontade, mas quando se refere tanto à mente quanto ao corpo passará a chamar-se apetite, “o desejo é o apetite juntamente com a consciência que dele tem” (*E III*, s da prop. 9). Sendo assim, o desejo para Spinoza é a própria essência do homem, mas este deve ser conectado à razão, caso contrário, ele terá sua fonte nos corpos exteriores e não na natureza humana.

Quando somos dominados por corpos exteriores, não desejamos o que é útil e somente quando dominamos nossos desejos é que temos uma atitude ética. Dessa forma, o desejo advindo da razão será a causa que nos levará a perfeição e, conseqüentemente, nos trará a alegria, uma vez que esta é “a passagem de uma perfeição menor para uma maior” (*E IV*, def. 2). Essa “passagem” ocorre, segundo Spinoza, porque não nascemos com a perfeição, se tivéssemos a perfeição não precisaríamos ser afetados pela alegria para chegarmos à perfeição, já a tristeza é contrária à alegria, pois é “a passagem de uma perfeição maior para uma menor” (*E IV*, def. 3). Neste caso, há uma diminuição da potência do agir humano. Podemos concluir que, o desejo é, então, a forma pela qual o homem aumenta a sua potência e chega a sua perfeição, passando do estado de tristeza para o de alegria. Agindo assim, em conformidade com o composto corpo/mente, corpo/afetos, de modo perfeito em seu gênero, o homem deixará de agir passivamente e passará a agir ativamente.

O Bem e o mal, para Spinoza, são o mesmo que o afeto da alegria e da tristeza, isso necessariamente se produzirá ao mesmo tempo pela forma como trabalhamos os nossos afetos. Se nossos afetos forem incontroláveis – e isso acontece quando não conseguimos administrá-los, nossa condição de bondade será variável, em outras palavras, ora seremos bons, ora seremos ruins. É por isso que, na maioria das vezes, não temos a capacidade de compreender o homem, pois não o analisamos como ser ambíguo, que é capaz em determinados momentos de ser bom e em outros ruim, mas apenas como ser imutável.

Porém, ao contrário, se o homem for capaz de conhecer seu potencial de agir e procurar lutar contra seus instintos e os corpos exteriores, o mesmo será virtuoso, uma vez que “a virtude é a própria potência do homem, que é definida exclusivamente pela essência do homem, isto é, que é definida exclusivamente pelo esforço pelo qual o homem se esforça por perseverar em seu ser” (*E IV, d da prop. 20*).

A finalidade da ética consiste em o homem viver bem, agir por virtude, que é, por conseguinte, conservar o seu próprio ser, buscar agir segundo a própria natureza, e assim adquirir a virtude suprema que é conhecer ou compreender a Deus. Não por acaso o verbo “compreender” possui uma grande importância no sistema spinozano:

Logo, tudo aquilo pela qual, em virtude da razão, nós nos esforçamos, não é senão compreender. Por outro lado, como esse esforço pelo qual a mente, à medida que raciocina, esforça-se por conservar o seu ser, não é senão compreender, então, esse esforço por compreender é o primeiro e único fundamento da virtude (*E IV, d prop. 26*).

É possível entendermos, a partir do exposto, que todos aqueles que agirem a partir da natureza própria da razão, sendo que o esforço para consegui-la consiste em compreender, serão capazes da virtude.

Para Spinoza, o homem livre é capaz de agir virtuosamente, pois ele dispõe desta capacidade de viver segundo as leis da razão em conformidade com o seu gênero. A expressão exterior desta capacidade é visível na vida do homem, à medida que ele evita os afetos contrários à sua natureza e enfrenta-os com a mesma virtude que o evita. Mas como é a liberdade humana para este filósofo?

O homem dispõe da liberdade quando seu pensamento está em conformidade com a razão, não é no sentido de possuir livre arbítrio. Mas, no sentido de que ao pensar racionalmente, o homem permanece em sua natureza e consegue dominar seus afetos. Nisto consiste a conexão que há entre liberdade e necessidade, isto é, o homem livre deve necessariamente preservar a sua natureza e ter controle sobre os afetos.

É perceptível, principalmente na sociedade moderna, a pouca preocupação que o homem tem de preservar a sua natureza, pela facilidade que as outras coisas externas a si e que, portanto, não fazem parte da natureza humana. De fato, a sociedade capitalista oferece ao homem a possibilidade de agir a partir das causas externas a si e, por isso, é visível o conflito no interior da vontade. Por vezes, este conflito é resolvido assumindo a natureza própria ao homem, a partir do compreender-se a si mesmo, por vezes, o conflito é mantido e expresso na zona de conforto adotada pelo indivíduo.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Spinoza é um filósofo simples e modesto, porém muito corajoso por combater os preceitos vigentes de sua época a partir da reflexão filosófica que aproxima ética e vida feliz. Seu pensamento é extraordinário quando expõe essa relação necessária entre a boa conduta do homem e a relação com as paixões. Ele acredita, portanto, que uma sociedade corruptível pode se tornar melhor, cabendo apenas ao homem ser o protagonista dessa sociedade e ir ao encontro da sua própria natureza. Para isso, basta este controlar seus afetos e abandonar as causas exteriores que corrompem a sua natureza e o diminui como ser racional.

A filosofia de Spinoza está centrada no problema dos afetos, nossas ações estão intimamente conectadas a este elemento. O afeto é algo natural da vida humana, podendo aumentar ou diminuir a potência do nosso corpo, nenhuma paixão é boa ou má em si mesma, mas a forma a qual deixamos nosso ânimo ser afetado por ele fará com que nossa potência seja aumentada ou diminuída.

Nossa potência aumenta, quando preservamos nossa natureza e agimos segundo os ditames da razão, construímos um conhecimento claro, isto é, produzimos idéias adequadas e com isso dominamos os afetos. Nossa potência diminui, quando nossas ideias provêm da imaginação, construímos um conhecimento confuso sobre o objeto imaginado e consequentemente produzimos ideias inadequadas.

Pertence ao homem tentar preservar o seu ser para não ser vítima de corpos exteriores. Para isso deve estar sobre a conduta da razão. Seguindo esses passos o homem será virtuoso e alcançará a virtude suprema quando conhecer verdadeiramente Deus, isto é, a sua natureza. Assim, consequentemente, o homem também será livre, pois conseguirá controlar seus afetos ou paixões, ao compreender o que ele pode fazer a partir do atributo extensão.

#### REFERÊNCIAS

- JAQUET, C. *A unidade do corpo e da mente*: afetos, ações e paixões em Espinosa. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- SCALA, A. *Espinosa*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- SCRUTON, R. *Espinosa*. São Paulo: UNESP, 2000.
- SPINOZA, B. de. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.